

UMA CASA BRASILEIRA

A EMBAIXADA DO BRASIL EM LAGOS, NIGÉRIA

Mariza de Carvalho Soares¹  

Universidade Federal de São Paulo

Não escrevi um diário durante os três anos e meio que vivi em Lagos. Nem tomei nota do que vi, ouvi e experimentei. Tampouco tirei fotografias [...] Sempre confiei na memória e no filtro que ela possui, e no que o tempo depura e seleciona, incorporando-se ao nosso corpo e se fazendo matéria nossa. O que é essencial para mim, permanece de tal modo nítido, que me basta cerrar os olhos para rever o que quero.
Alberto da Costa e Silva, “Lembranças de Lagos.”

Em 2001, o embaixador Alberto da Costa e Silva (1931-2023) conseguiu, junto ao Departamento de Cultura do Ministério das Relações Exteriores, recursos para financiar minha viagem e de dois outros colegas, Milton Guran e Nicolau Parés, para participarmos de um colóquio do Projeto Rota do Escravo (UNESCO) no Benim.² De volta ao Brasil, com muita cerimônia, telefonei ao embaixador para agradecer a oportunidade e fui convidada a ir à sua casa. Desde então, ficamos amigos e as visitas se tornaram frequentes. Naquelas tardes, a embaixatriz, sua esposa Verinha, como gostava de ser chamada, vestia lindos *boubous* e contava a história de cada um deles, enquanto tomávamos chá com bolo na cozinha. Uma dessas visitas deu origem a este texto, que nada tem a ver com o Benim, mas com uma viagem que fiz à Nigéria.

Para contar minha história, primeiro tenho que explicar a ligação do embaixador com a Nigéria. Tudo começou em 1958, com a nomeação de Francisco Negrão de Lima para ministro das Relações Exteriores de

1 Professora aposentada de História da África, Universidade Federal Fluminense. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UNIFESP.

2 Conférence Internationale Aguda: Aspects du Patrimoine Afro-Brésilien dans le Golfe du Bénin, Porto Novo/Benin, 26-30 nov. 2001.

Juscelino Kubitschek.³ Formado pelo Instituto Rio Branco em 1957, Costa e Silva era então um jovem diplomata que, ao lado do ministro, acompanhou os movimentos de libertação e as independências dos países africanos:

Em 1º de outubro de 1960, a Nigéria tornou-se um país independente. Eu me encontrava lá, acompanhando o embaixador Negrão de Lima, representante do Brasil nas cerimônias. E estava fascinado com o que via, a confirmar ou desmentir o que recebera dos livros. Desde o momento em que desci do avião, fui tomado pela sensação de que havia entrado naquele desfile dos Reis Magos que Benozzo Gozzoli pintou na capela dos Medicis, em Florença. Com suas vestes amplas e esvoaçantes, de leses, sedas, veludos e damascos, e seus gorros e turbantes bordados, a comissão de boas-vindas humilhava nossos ternos cinzentos, que nos pareceram feiússimos, e não só quando contrastados com essas roupas de gala, mas também com as de estampado de algodão das pessoas que enchiam as ruas, e falavam em voz alta, e trocavam abraços, em meio a estrondosas risadas.⁴

A embaixada do Brasil na Nigéria foi criada no ano seguinte, em 16 de agosto de 1961, já no governo de Jânio Quadros. Agosto nunca traz bons ventos... mês da morte de Getúlio e da renúncia de Jânio. Escrevendo sobre a diplomacia brasileira na Nigéria, o historiador americano Jerry Dávila conta que o primeiro embaixador do Brasil permaneceu em Lagos por duas semanas, vindo a falecer de ataque cardíaco. Seu sucessor registrou em relatório que considerava a embaixada desnecessária e deixou Lagos em 1965, sem ser substituído. A nova nomeação só veio em 1971.⁵

3 Negrão de Lima (1901-1981) foi prefeito do Distrito Federal (RJ) pelo PSD (1956-1958), partido que, no mesmo ano, elegeu Juscelino presidente do Brasil (1956-1961); em 1958, foi nomeado ministro das Relações Exteriores; em 1965, foi eleito governador do então Estado da Guanabara (1965-1971).

4 Depoimento de Alberto da Costa e Silva publicado na seção Livros sob o título “Historiador Alberto da Costa e Silva escreve sobre os laços culturais entre Nigéria e Brasil”. *O Globo*, 31 jan. 2015. Esse depoimento reproduz quase literalmente um parágrafo do capítulo “A África e eu”. Alberto da Costa e Silva, *Das mãos do oleiro*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 215.

5 Jerry Dávila, *Hotel Tropic: o Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950-1980*, São Paulo: Paz e Terra, 2011, pp. 111-112.

Em 21 de setembro, já no governo João Goulart, com San Tiago Dantas no Itamaraty, foi publicado o Regulamento Orgânico do Ministério das Relações Exteriores que criou a Divisão da África (DAF III).⁶ A instalação da ditadura em 1964 mudou a política externa em relação aos países africanos, mas a Nigéria continuava a despertar interesse. Em 1965, Negrão de Lima foi nomeado embaixador do Brasil em Portugal. Costa e Silva seguiu para Lisboa. Já então a África se fazia constante não apenas no ofício do diplomata, mas na construção de quem viria a ser o historiador. Vem daí a sugestão de Carlos Lacerda, de quem, apesar de sua ligação com seu adversário, Negrão de Lima, Alberto também era amigo:⁷

Um dia, numa discussão com Carlos Lacerda a respeito da guerra civil angolana, mencionei coisas históricas relativas ao passado de Angola e Carlos me disse: “Alberto, você sabe tudo isso sobre a África e guarda para si? Você tem a obrigação intelectual de pôr isso no papel, de publicar, de transmitir o que sabe!” Fui para casa e decidi escrever sobre a África.⁸

Como diplomata, Costa e Silva visitou vários países africanos, mas sua primeira nomeação como embaixador foi para a Nigéria, em 1979. Nos quatro anos em que residiu em Lagos, mergulhou no mundo dos africanos e se dedicou à história da África. Ao lado dos temas culturais e

6 Clarissa Alves Machado, “60 anos das primeiras embaixadas do Brasil na África subsaariana”, *Revista da Associação dos Diplomatas Brasileiros*, v. 23, n. 102 (2021), pp. 26-27.

7 Negrão de Lima e Carlos Lacerda eram inimigos políticos e disputavam o eleitorado da Guanabara. Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977) foi jornalista, político da UDN e governador do Estado da Guanabara (1960-1965). Em 1965, fundou a Editora Nova Fronteira. Depois de sua morte, a editora passou a ser dirigida por seu filho, Sergio Lacerda, que editou várias obras de Costa e Silva: *A enxada e a lança* (1992) e *A manilha e o libambo* (2002), dois volumes de sua trilogia africana inacabada. A editora também publicou *Um rio chamado Atlântico* (2003); *Um passeio pela África* (2006); *A África explicada a meus filhos* (2008); e *A África e os africanos na história e nos mitos* (2021).

8 Alberto da Costa e Silva, “Entrevista”, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, v. 1, n.1 (2005), pp. 52-57.

históricos que tanto o interessavam, enfrentou graves problemas relativos ao comércio entre o Brasil e a Nigéria.⁹

Em dezembro de 2003, passei três semanas na Nigéria, uma delas em Lagos, depois de fazer contato com a embaixada, quando fui convidada para uma visita.¹⁰ O embaixador Carlos Alberto Ferreira Guimarães (2002-2006) estava de férias. Fui carinhosamente recebida – e em seguida hospedada – pela hoje embaixadora Maria Auxiliadora Figueiredo, então chefe do Escritório de Abuja, e naquele período encarregada da embaixada.¹¹

Durante aquela semana, depois de cumprir minha agenda de trabalho, passava o tempo andando pelo *compound*, como era chamado, conforme o conceito africano, o conjunto arquitetônico da embaixada. Além da arquitetura modernista do prédio, com cômodos amplos e jardim, me surpreendi com inesperadas obras de arte e com o lindo mobiliário da casa. Na ocasião, eu estava morando nos Estados Unidos, em um *apartment* que era uma mistura de plástico com papelão. Estar numa sólida construção de alvenaria, com amplas salas, em meio a obras de artistas brasileiros, jantando em uma linda mesa de madeira maciça e falando português, era um prazer indescritível. De volta ao Brasil, como era meu

9 O petróleo nigeriano era mais leve e mais adequado à produção de gasolina que o extraído pela Petrobras no Brasil. Com a expansão da malha rodoviária brasileira (1960-1970), o petróleo nigeriano passou a item importante da pauta de importações do Brasil. Costa e Silva chegou à Nigéria em 1979, em meio à crise da dívida externa brasileira, que atingiu seu ápice em 1982, colocando em risco a importação do petróleo nigeriano. Agradeço à embaixadora Maria Auxiliadora por essa e várias outras explicações sobre o contexto internacional dos anos 1970-1980. Não foi feita uma entrevista formal, as informações vieram de longas e amigáveis conversas via WhatsApp.

10 Embaixada do Brasil: Plot 257, Kofo Abayomo Street, Victoria Island, Lagos, 101241.

11 Em 1991, a capital da Nigéria foi transferida de Lagos para Abuja, no interior do país. Em agosto de 2004, foi criada a embaixada do Brasil em Abuja. Com a transferência da embaixada, em 2005, Lagos passou a sede do Escritório de Representação temporário, e depois a Consulado Geral. A embaixadora Maria Auxiliadora Figueiredo foi chefe do Escritório de Abuja e cônsul de Lagos duas vezes, entre 2003 e 2014. Entre 2013 e 2018, o embaixador do Brasil na Nigéria foi João André Pinto Dias Lima, genro de Costa e Silva, casado com sua filha Elza Maria.

costume, fui visitar o embaixador. Qual não foi minha surpresa quando soube que tinha sido ele o responsável pela construção da embaixada.

Quero crer que em 2003, enquanto eu voava para a Nigéria, o embaixador escrevia “Lembranças de Lagos”, cidade que visitou pela primeira vez em 1960 e onde morou de 1979 a 1983.¹² Como explica nesse texto, aqui tomado como epígrafe, ele não anotou diários nem tirou fotografias. Para ter viva suas lembranças bastava “cerrar os olhos”. Infelizmente, com isso deixou-nos, a todos, cegos de imagens e palavras que nos permitam visualizar esse tempo. Queria ter perguntado mais, anotado mais. Já não lembro o que falou sobre a obra. Guardei alguns episódios da vida cotidiana, sempre “ao lado de Vera”, e seu desapontamento por ter deixado o posto antes do *compound* ficar pronto, motivo pelo qual não chegou a morar na casa que ajudara a construir.¹³ Para não ficar à deriva em meio às minhas desmemórias, recorri à lembrança de quem conviveu com ele naquela época: Benedita Gouveia Damasceno, sua adida cultural em Lagos; e Elvin Mackay Dubugras, arquiteto responsável pela obra.¹⁴

A vida de Costa e Silva em Lagos não se restringia à embaixada. Ele circulava por toda a cidade. A grande Lagos se organizava a partir da ocupação de três ilhas: Lagos, Ikoyi e Victoria. Na ilha de Lagos, de ocupação mais antiga, ficam o Brazilian Quarter, o Jankara Market e o palácio do rei de Lagos. As ruas são estreitas, cheias de transeuntes e grandes barracas onde se vende de tudo. Segundo Costa e Silva “a gente

12 Alberto da Costa e Silva, “Lembranças de Lagos” in Alberto da Costa e Silva, *O quadrado amarelo* (São Paulo: Imprensa Oficial, 2009), p. 228.

13 Alberto da Costa e Silva, *Ao lado de Vera*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

14 Benedita Gouveia Damasceno, oficial de chancelaria aposentada do Itamaraty, me recebeu em sua casa, em Botafogo, Rio de Janeiro, para uma entrevista, em 16 de fevereiro de 2024. Elvin Donald Mackay Dubugras (1929-1999) era arquiteto, sediado em Brasília, onde lecionou na Universidade de Brasília e atuou em vários projetos, tendo pertencido ao grupo do também arquiteto Alcides da Rocha Miranda. Meu acesso a ele foi indireto: uma entrevista por ele concedida, em 1993, ao Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal-APDF. E conversas via Instagram com seu neto. Agradeço ao APDF a cessão da gravação e da íntegra da transcrição da entrevista.

de Lagos passava a vida na rua”.¹⁵ Em Ikoyi moram famílias ricas e hoje aí se concentram os prédios mais importantes da administração e do comércio. Victoria Island é um bairro residencial rico, afastado do centro, onde se instalaram quase todas as embaixadas. Quando lá estive, as ruas eram vazias e umas poucas mulheres passavam o dia sentadas em frente a seus fogareiros, vendendo *akara*. Hoje, dizem que mudou muito.

Ao chegar a Lagos, em 1979, Costa e Silva e Verinha foram morar numa casa em Victoria Island, enquanto a chancelaria ocupava outra casa, menor, na ilha de Ikoyi, ambas alugadas. Não sei se foi surpresa para o embaixador as condições do modesto prédio e a carência de funcionários. Em 1981, a seu pedido, a oficial de chancelaria Benedita Damasceno foi designada para Lagos. Como os alugueis eram altos, ela resolveu morar em um anexo no quintal da embaixada: “Um belo dia eu acordei, quando virei, meu braço bateu na água. Tinha chovido e alagado tudo”. Benedita perdeu o pouco que tinha levado com ela. Em meio a seu desalento, recebeu um vestido da embaixatriz, que usou para ir comprar roupas novas.¹⁶

Face ao desastre, Costa e Silva solicitou autorização para alugar um outro imóvel.¹⁷ Em 1973, ainda sob o impacto da construção de Brasília, o arquiteto Elvin Dubugras foi contratado como consultor do Ministério das Relações Exteriores. Trabalhou por quinze anos e construiu onze novas embaixadas e consulados com a marca da arquitetura modernista brasileira. O desastre motivou Costa e Silva a incluir Lagos nessa lista. A imagem da modernidade combinava com a propaganda dos produtos manufaturados brasileiros – de chuveiros elétricos a equipamentos pesados – que desembarcavam nos portos nigerianos, em troca de petróleo.¹⁸ Coube a Costa e

15 Alberto da Costa e Silva, “Historiador Alberto da Costa e Silva escreve sobre os laços culturais entre Nigéria e Brasil”. *O Globo*, 31 jan. 2015. [↗](#)

16 Damasceno, “Entrevista”, 16 fev. 2024.

17 Damasceno, “Entrevista”, 16 fev. 2024.

18 Um exemplo dessa propaganda eram os ônibus da Mercedes Benz produzidos no Brasil, anunciados como mais adequados às condições locais que os equivalentes europeus porque tinham janelas maiores e mais fáceis de abrir. D’Ávila, *Hotel Tropic*, pp. 269-296.

Silva ajustar os planos do Itamaraty e de seu arquiteto à realidade local. Benedita conta o trabalho que deu:

Eles tinham um terreno. Na época da inauguração de Brasília, o Brasil cedeu terrenos para todas as embaixadas, hoje o Setor de Embaixadas. E as embaixadas então cederiam alguma coisa para o Brasil. A Nigéria tinha cedido um terreno e o embaixador conseguiu desencavar. Imagina o tamanho de pesquisa que foi descobrir qual era o terreno doado para o Brasil e atualizar esse tipo de coisa junto às autoridades nigerianas. [...] Quando eu saí da Nigéria em outubro de 1983, o arquiteto já tinha ido lá várias vezes.¹⁹

Em entrevista ao Arquivo Público do Distrito Federal, Elvin Dubugras fala de sua convivência com Costa e Silva. Referindo-se à DAF III, explica que “Alberto [...] era a cabeça da política africana do Itamaraty”. E repetindo o que ouvira dele, conta: “Então, o Alberto propôs, disse: ‘Nós vamos fazer uma embaixada, vamos retomar a ideia da casa brasileira. Isto é *muito importante*’”.²⁰ Dubugras relata: “Viajar 24 vezes para Lagos não é divertido porque não é um lugar bonito, não é um lugar agradável, é um lugar muito violento, muito inóspito, duro.”²¹ Em resposta a esse comentário, Costa e Silva pode ter dito: “A cidade era feia, mas o espetáculo que nela se desenvolvia, belo e estonteante.”²²

Em outro momento Dubugras explica a seu entrevistador as dificuldades para conseguir mão de obra qualificada:

É curioso, porque a Nigéria não tem mão-de-obra de construção civil. A mão-de-obra... é um país de 85 milhões ou mais e não tem mão-de-obra de construção civil, pelo menos na região de Lagos. Porque naquela região do litoral, construção se faz com barro, e [...] não tem construção no sentido que nós entendemos. Quer dizer, uma superfície plana, uma aresta viva e um ângulo reto são estranhos à cultura deles. Não se espere

19 Damasceno, “Entrevista”, 16 fev. 2024.

20 Ao destacar a importância de Costa e Silva para a diplomacia brasileira, Dubugras comentou: “infelizmente o Collor [o] mandou para a Colômbia de castigo. Não gostou dele, simplesmente isso. Tirou ele de Lisboa e mandou para Colômbia”. Dubugras, APDF, 1993, p. 24-25.

21 Dubugras, APDF, 1993, p. 33. Na ocasião havia um voo direto Rio-Lagos, da Varig.

22 Costa e Silva, “Historiador Alberto da Costa e Silva”.

que eles façam isso, porque a cultura deles não tem essa coisa que para nós é importante. Então eles são maus operários de construção civil.²³

A carência de mão de obra ele deve ter notado por si mesmo, mas a explicação sobre a arquitetura local certamente veio de uma conversa com o embaixador, cuja maior preocupação deve ter sido fazer o arquiteto entender que o sucesso da empreitada dependia de ele entender as pessoas com quem trabalhava, seus padrões arquitetônicos e culturais.

Os mestres da obra: Dubugras e Costa e Silva

Enquanto o arquiteto trazia na bagagem o modernismo de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, o embaixador acumulara anos de leitura e convivência com os africanos: “Durante a permanência na Nigéria, de que guardo gratidão enternecida, pude confrontar, sem pressa ou afoiteza, a palavra escrita com o dia vivido. Cresceu em mim o entendimento do que lera e mudou-se a inteligência do que ainda ia ler.”²⁴

O resultado foi um prédio de arquitetura modernista, construído com materiais da indústria brasileira, repleto de obras de arte que representavam o Brasil. Houve ainda uma considerável economia. No lugar dos materiais vindos da Europa, a obra fez uso de esquadrias de alumínio, cerâmicas, metais, ferragens, luminárias, gradis e marcenaria do Brasil:

nós propusemos que mandassem todos os materiais do Brasil. Fizemos um orçamento desses materiais lá e aqui. Nós economizamos 700 mil dólares, mandando. E o preço de ter, a propaganda de ter, vamos dizer, a embaixada se transformar numa promoção comercial ao vivo, o Itamaraty gostou tanto da ideia que quando nós propusemos mobiliário, a condição foi que nós podíamos fazer os interiores e os móveis, mas nós íamos equipar tudo.²⁵

23 Dubugras, APDF, 1993, p. 24.

24 Citado em: *Élcio Silva*, “Alberto da Costa e Silva, um dos maiores africanistas do Brasil”, *Jornal da USP*, 19 dez. 2023. [↗](#)

25 Dubugras, APDF, 1993, p. 25.

Costa e Silva deixou a Nigéria em 1983, indo se estabelecer em Brasília, onde passou a dirigir o Departamento de Cultura do Itamaraty. Até 1985, quando a embaixada foi finalmente inaugurada, fez algumas viagens para acompanhar a obra, mas já não estava lá.²⁶

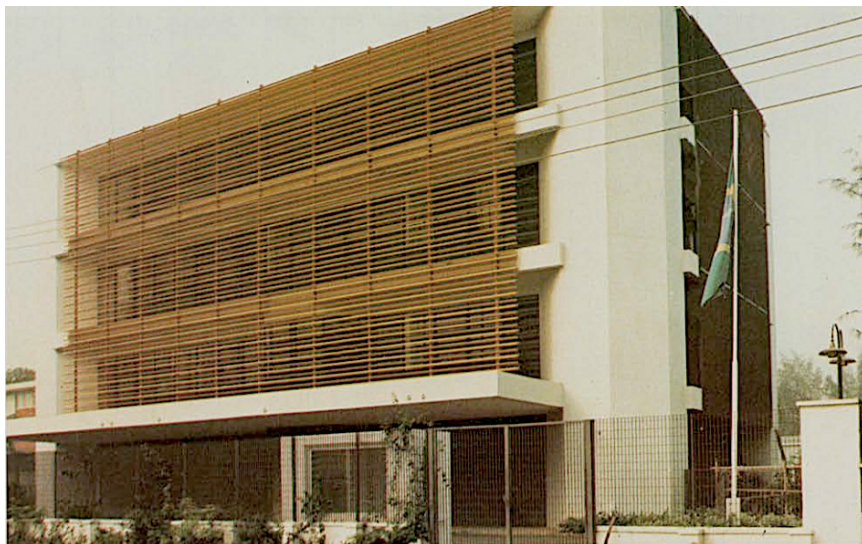
O conjunto arquitetônico foi construído em três módulos, abarcando uma área de 2.100 m² para chancelaria, residência e dois apartamentos para funcionários. A residência, em dois níveis, ocupava cerca de 700 m².²⁷ Apesar do comprometimento do embaixador com o projeto, fico imaginando que ao ver o prédio pronto deve ter pensado o mesmo que disse ao ver pela primeira vez o Museu de Lagos: “É um prédio pequeno e moderno, sem nada que lembre a ondulação e a maciez características da arquitetura tradicional iorubana”.²⁸

26 Damasceno, Entrevista, 16 fev. 2024. Segundo Dubugras, Costa e Silva foi substituído por um embaixador de 62 anos, em fim de carreira. Dubugras deve ter convivido com ele por mais de um ano, até 1985, quando a embaixada foi inaugurada. Acrescentou: “ele era racista, nunca convidou um preto pra dentro de casa. Ficou quatro anos na Nigéria, nunca convidou um preto, nem do Ministério do Exterior, nem do Ministério do Exterior! Resultado que ele desmanchou tudo, o trabalho que foi feito. É quase inacreditável um negócio desse, mas é fato, eu presenciei.” Dubugras, APDF, 1993, p. 25. Ao sair de Lagos, Costa e Silva deixou Rubem Antônio Corrêa Barbosa, encarregado de negócios, como responsável até a chegada do embaixador Fernando Abbott Galvão (1983-1987). Fernando Abbott Galvão se aposentou em 1987, enquanto Rubem Antônio Corrêa Barbosa, bem mais jovem, ocupou vários outros postos, até recentemente.

27 Fotos da casa e detalhes da planta do *compound* estão disponíveis em: [🔗](#).

28 Costa e Silva, “Uma visita a Lagos”, p. 3. O Nigerian National Museum, situado na ilha de Lagos, foi inaugurado em 1957.

Fachada da Embaixada do Brasil em Lagos.



Fonte: *Revista Projeto*, n. 108, mar. 1988, p. 41.

Para decoração, escolheu-se mobiliário moderno brasileiro. Tapetes, cortinas e mesmo eletrodomésticos e demais objetos decorativos e utilitários foram levados do Brasil, muitos deles assinados por artistas nacionais. Até as louças e os equipamentos da cozinha foram daqui:

a embaixatriz deu a lista de coisas que ela achava que precisava e nós saímos catando que era um produto de boa qualidade e bom desenho para mandar. Porque eu não saberia equipar uma embaixada com toda essa miudeza, porque isso não é coisa que [...] ninguém equipa uma casa assim, em uma loja de uma vez só, vai fazendo aos poucos. Então, tudo foi para lá. Fizemos uma casa brasileira.²⁹

29 Dubugras, APDF, 1993. p. 25. Segundo Damasceno, uma parte da louça foi de Portugal. Damasceno, Entrevista, 16 fev. 2024.

Além de Dubugras, outros profissionais contribuíram para a obra. Esther Stiller foi responsável pela luminotécnica.³⁰ Um conjunto significativo de obras de arte foi agregado ao acervo da embaixada, através da doação de seus autores. Athos Bulcão esculpiu painel em relevo de madeira e fórmica; Rubem Valentim fez a escultura de Xangô do *hall*; e Carybé um quadro a óleo com temas da “cultura brasileira”. O primeiro está ainda hoje no *hall* da chancelaria e os dois últimos na residência, Xangô ao pé da escada e o povo brasileiro na sala de jantar.³¹

Arte na embaixada.



30 Esther Stiller foi pioneira do design de iluminação no Brasil. Um resumo do conjunto de sua obra está disponível em: [\[link\]](#).

31 Dubugras explica que algumas obras de arte foram compradas com verba do Itamaraty, mas muitas outras doadas pelos próprios artistas. Dubugras. APDF, 1993. p. 30.



Fonte: para Bulcão, foto enviada pelos funcionários da embaixada (2024); para Valentim, *Revista Projeto*, n. 108 (1988), pp. 40-59; para Carybé, Bruno Furrer, *Carybé*, Salvador: Fundação Odebrecht, 1989, p. 399.

Dubugras equivocou-se ao lembrar da obra de Carybé. Na entrevista menciona um Bumba Meu Boi. A foto da sala de jantar da residência, que me foi enviada pelos funcionários, e o catálogo do artista, comprovam o equívoco.³² A obra é um óleo sobre tela (1984), composto por seis cenas (Zumbi, Henrique Dias, Aleijadinho, Xangô com iaô; capoeira; e carnaval).³³ Durante a escrita deste texto, confirmei que as três obras permanecem na sede de Lagos.³⁴ A grande mesa de jantar da residência,

32 Segundo a embaixadora Maria Auxiliadora Figueiredo, havia um Bumba Meu Boi que seria uma obra de Siron Franco e que foi levada pelo embaixador Carlos Alberto Ferreira Guimarães para a nova residência de Abuja, em 2005. Não localizei a obra de Siron Franco à qual Figueiredo se refere, nem outros bois, no catálogo de Siron Franco. O tal Boi poderia ser uma obra de Antonio Poteiro, afeto ao tema, que ofereceu trabalhos para outras embaixadas.

33 Furrer, *Carybé*, p. 399.

34 O trabalho de Bulcão é uma placa em relevo feita em madeira e fórmica. A obra incluída no catálogo *online* da Fundação Athos Bulcão é quase idêntica à da fotografia que me foi enviada pelos funcionários do consulado e que permanece na mesma parede, coberta por um lambri de ripas verticais de madeira. Há uma pequena diferença de cor que pode resultar da ação do tempo e da iluminação. No catálogo a peça aparece na horizontal e na foto dos funcionários na vertical. Para Bulcão, ver: . As fotos da

peça única, assinada por George Mackay Dubugras, irmão de Elvin, segundo fui informada, foi levada para Abuja, nova sede da embaixada.³⁵ Lembro menos da mesa e mais de Pierre, o gentil cozinheiro do Benim.

Durante minha estadia na embaixada, recebi a visita de *chief* Martins, liderança entre as famílias de retornados brasileiros da Nigéria.³⁶ Ao saber da visita de uma historiadora brasileira, o *chief* foi até lá de terno, gravata e chapéu *to pay his respects*. Na conversa com ele, soube do costume do inquieto embaixador Costa e Silva de sair à noite sozinho, sem motorista, talvez para uma partida de pôquer... Ele também lembrou as festas que Alberto oferecia, destacando que não eram coquetéis enfadonhos, mas ocasiões de animadas conversas. Se não me falha a memória, havia um piano; e Verinha, que recebia a todos com entusiasmo, cantava! Mas nem só de festas vivia a embaixatriz:

a dona Vera..., eu [Benedita Damasceno] devo muito à ela. Quando eu cheguei em Lagos [...]. Eu passei a vida inteira em pobreza absoluta, papai pegava latinha de goiabada para servir de prato. Quando eu cheguei em Lagos, um dia, logo que eu cheguei, o embaixador falou, “eu convidei o reitor da Universidade de Lagos para jantar. A senhora vai também. Presta atenção em tudo porque amanhã a senhora vai fazer

escultura de Valentim e da sala de jantar foram reproduzidas em: *Revista Projetos*, n. 8 (1988), p. 44. Ver também Silva Filho, Antonio Rodrigues, “EDMD (Elvin Donald Mackay Dubugras). Uma biografia, uma visão”, Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Brasília: Universidade de Brasília, 2014, p. 244. Havia ainda cerca de quarenta gravuras de autores diversos mencionadas pelo blog de Dubugras em: [🔗](#). Por fotos enviadas pelos funcionários do consulado, identifiquei seis gravuras de Marcello Grassman, uma de Aldemir Martins, uma de Mello Menezes e uma de Ivete Ko. Agradeço aos funcionários que, a pedido da embaixadora Figueiredo, enviaram fotos das obras atualmente expostas no consulado.

35 Para a mesa, ver Blog de Dubugras em: [🔗](#).

36 Segundo a embaixadora Maria Auxiliadora Figueiredo, seu nome completo era Paul Lola Bámgbóé Martins. A embaixadora reforçou que ele fazia questão de destacar seu parentesco com a família Bamboxê do Brasil, da qual fazia parte Rodolfo Martins de Andrade (Bamboxê Obiticô). Sobre a família, ver Lisa Earl Castillo, “Bamboxê Obiticô e a expansão do culto aos orixás (século XIX): uma rede religiosa afroatlântica”, *Revista Tempo*, v. 22, n. 39 (2016), pp.126-153, [📄](#). Ver ainda Alberto da Costa e Silva, “Os agudás de Milton Guran” in Milton Guran, *Agudás. Os “brasileiros” do Benim* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Gama Filho, 2000), pp. ix-xv; Alberto da Costa e Silva, “Os brasileiros de Lagos” in Alberto da Costa e Silva, *O vício da África*.

o telegrama”. Eu, preocupadíssima. Aí falo com a dona Vera assim, o embaixador me convidou para jantar com o reitor, só que eu estou muito preocupada porque eu nunca fui a um jantar de cerimônia. Ela falou, “não se preocupe, você vai ficar sentada ao meu lado. O talher que eu pegar você pega, se cair no chão, você não faz nada. Alguém vai pegar e vai te trazer outro talher”. A partir desse dia a dona Vera falou que podia me dar algumas anotações. Claro que eu quero. A embaixada funcionava até as quatro e depois disso eu ia pra lá [residência da embaixada] duas vezes por semana e ela me mostrava os copos [...]. Ela me ensinou todas essas coisas, me ensinou como me vestir [...].³⁷

No dia seguinte, fui levada pelo *chief* a um passeio pelo Brazilian Quarter, onde visitei o velho sobrado da Casa da Água.³⁸ Imagino quantas vezes o embaixador deva ter andado por aquelas ruas e entrado naquela casa. No último domingo de cada mês, ele ia às reuniões da associação dos retornados que lá se realizavam. Pelo menos uma vez levou com ele Benedita, mulher negra brasileira, que foi recebida como mais uma retornada. Em outra ocasião, ao visitar um “velho brasileiro”, viu o homem tirar do armário um embrulho trazido do Brasil por seu avô: era um exemplar da primeira edição de *Espumas flutuantes* (Castro Alves, 1870).³⁹

Assim como outros brasileiros (Antônio Olinto, Mariano e Manoela Carneiro da Cunha, e o francês Pierre Verger), Costa e Silva registrou em diversos textos suas lembranças do *Brazilian Quarter* e das

37 Não posso deixar de mencionar que Benedita me recebeu em sua casa com um lindo *kaftan* longo estampado e uma mesa de chá, como fazia Verinha, nas tardes de domingo.

38 *A Casa da Água* é o mais famoso sobrado construído por africanos retornados do Brasil que se estabeleceram em Lagos. A casa ficou imortalizada no romance de Antônio Olinto, *A casa da Água*, Block: Rio de Janeiro, 1969, primeiro volume de uma trilogia. Olinto foi adido cultural na Nigéria, tendo integrado a primeira missão diplomática que chegou a Lagos depois da criação da embaixada, em 1961. Segundo Costa e Silva, “é com Olinto que a África entra de verdade em nossa literatura”. Costa e Silva, *O quadrado amarelo*, p. 155.

39 Costa e Silva, “Os *agudás* de Milton Guran”, p. xv. Na mesma ocasião, Benedita datilografou para “dona Vera” a tradução que ela fizera de *Things Fall Apart*, do escritor nigeriano Chinua Achebe (1958). Damasceno. Entrevista, 16 fev. 2024. Além da tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva, a edição brasileira de *O mundo se despedaça* (Rio de Janeiro: Ática, 1983) contou com introdução e glossário de Alberto da Costa e Silva. O título é o 17º. volume da coleção de Autores Africanos, primeiro grande esforço editorial para divulgar a literatura africana no Brasil.

peessoas que ali viviam. Mas não foi esse o foco de sua obra. Permaneceu firme em seu propósito de escrever uma história da África para os brasileiros. Em meio às negociações do petróleo, à construção da embaixada e às reuniões na Casa da Água, passou para Benedita datilografar os originais dos primeiros capítulos do livro do *A enxada e a lança*, que começara a escrever em 1975-1976.⁴⁰

Muitas vezes ouvi o embaixador dizer que um livro só atravessa o tempo se for bem escrito. Será que o mesmo acontece com a arquitetura? Segundo a embaixadora Maria Auxiliadora Figueiredo, o projeto original se manteve íntegro, “nunca houve reforma porque não havia dinheiro”.⁴¹ A maioria das edificações brasileiras de Lagos já não existe. Restam a antiga Casa da Água e o moderno *compound* da Kofo Abayomo Street. Sobre a primeira, o governo brasileiro não tem ingerência, sobre a segunda, cabe ao Ministério da Relações Exteriores manter e conservar. A mim coube lembrar e homenagear. Ao contrário dos livros escritos por Costa e Silva, que hoje falam por ele, o *compound* precisou ser convertido em palavras para poder chegar a seus leitores. Para nós historiadores, a vida diplomática do embaixador Alberto da Costa e Silva é o avesso de sua obra como historiador. E como ele disse ao falar de Lagos: “É belo o avesso de um tapete”.⁴²

doi: 10.9771/aa.v0i70.65875

40 Costa e Silva, “Entrevista”, pp. 52-57.

41 Entrevista com Maria Auxiliadora Figueiredo, realizada em 2024.

42 Silva, “Lembranças de Lagos”, p. 228.